

Folha da Região

ECONOMIA

Sexta-feira, 25 de agosto de 2000 ■ 3

REGIÃO

INDÚSTRIA/ Vendas do Dia das Crianças e de Natal, aliadas às estratégias das indústrias, garantem um bom desempenho para as indústrias

Produção de calçados será 30% superior

HARLEN FELIX

O setor calçadista de Birigui tem uma expectativa de aumento de produção de 30% para o segundo semestre deste ano. O desempenho não é relacionado apenas às vendas do Dia da Criança e de final de ano, mas reflete também as estratégias tomadas pelas indústrias para ampliação de mercado.

Conforme o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário,

grande parte das empresas investe em tecnologias para melhorar a qualidade e o design de seus produtos, além de uma ação de marketing mais acentuada.

"Essas medidas têm reflexo positivo entre os lojistas, fazendo da cidade um grande referencial no mercado", informou o secretário executivo Marco Antônio Oliveira.

As indústrias de Birigui produzem uma média diária de 180 mil pares, dos quais 8% é direcionado ao mercado externo, princi-

palmente aos países que integram o Mercosul.

Segundo Oliveira, o segundo semestre historicamente registra aumento. "É natural o aumento, pois as indústrias prepararam-se para atender as vendas de Natal."

Por outro lado, as indústrias acreditam que este é o primeiro ano em que a produção registrou um aquecimento linear. "O primeiro semestre sempre foi mais tranquilo e o segundo mais forte. Entretanto, os primeiros seis me-

ses de 2000 já apresentaram aquecimento em relação aos anos anteriores, não havendo uma explosão após julho", destacou o gerente comercial Eli José Tiburcio, da indústria Pé Com Pé.

Para ele, as vendas de final de ano também influenciam, mas a estabilidade econômica não provoca aquela euforia. "Investimos numa ação de marketing mais direta e conseguimos ampliar nossos clientes." A expectativa é de que a produção cresça

25% neste período.

Já a indústria Klin aponta o Dia das Crianças e o Natal como as grandes âncoras deste semestre. A previsão é de 26,57% de aumento, passando de 35 mil pares por dia para 45 mil nos próximos meses.

EMPREGOS - O aumento de produção também refletirá na geração de novas vagas de emprego. "Não temos como quantificar o nível de emprego neste período, mas é certo que as indús-

trias farão contratações", argumentou Oliveira.

As novas contratações serão mais intensas no próximo mês, quando ocorre os preparativos para o Dia das Crianças.

Entretanto, o secretário executivo do sindicato acrescentou que neste ano a geração de empregos aconteceu antes. "Muitas indústrias contrataram nos meses de janeiro e fevereiro. Isso mostra que os investimentos aplicados na produção estão tendo resultado", concluiu.

REGIÃO

CALÇADOS/ Feira internacional que começa na próxima segunda-feira reúne os lançamentos da moda e as novas tecnologias de produção do setor

Birigüi terá 15 indústrias na Francaal

ANTÔNIA RODRIGUES

Quinze indústrias do setor calçadista de Birigüi confirmaram presença na Francaal 2000 (Feira de Calçados, Acessórios de Moda, Máquinas e Componentes), que realiza sua 32ª edição de 10 a 13 de julho, no Anhembi, em São Paulo. Promovida pela Abical (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados) e organizada pela Francaal (Feiras e Empreendimentos), a exposição reunirá os lançamentos de calçados para todas as ocasiões e as novas tecnologias para as indústrias do ramo.

O setor calçadista de Birigüi tem peso importante na produção estadual e São Paulo é líder entre os Estados brasileiros, com 42% da produção nacional de calçados. Em seguida vêm o Rio Grande do Sul (40%) e Minas Gerais (9%). Os demais Estados somam 9%.

Além do Brasil, vão expor na 32ª Francaal empresas de Portugal, China, Coreia, Espanha, Mé-



Arquivo

DESTAQUE/
Com tecnologia moderna, as indústrias de Birigüi estão entre as mais produtivas

xico, Panamá e Argentina. Além de calçados, serão expostos também máquinas e componentes de última geração utilizados pela indústria calçadista, acessórios e artigos diversos em couro.

Dados da Abicalçados apontam expectativa de crescimento de 15% sobre o volume exportado em 99. Para este ano o setor prevê movimentar US\$ 1,47 milhão com a exportação de 157 milhões de pares. Em 99, foram negociados com o Exterior 137 milhões

de pares, num total de US\$ 1,278 milhão movimentados.

Considerado um dos cinco mais importantes segmentos para a economia brasileira, a estimativa para este ano é a produção de 534 milhões de pares, contra 500 milhões no ano passado.

ATRAÇÕES - Entre as diversas atrações da Francaal 2000 está um desfile de meias e calçados com lycra. Patrocinado pela Dupont - Divisão Lycra, o desfile é uma produção de Al-

varo Granato e Cláudio Rampazzo. Entre as novidades estão rebuscados calçados de couro com lycra e meias com o mesmo fio, material considerado a fibra do novo milênio.

Um museu do calçado também vai funcionar feira, com material trazido de Novo Hamburgo (RS), onde foi inaugurado no ano passado o Museu Nacional do Calçado. O cronograma também inclui atrações artísticas e premiações.

BIRIGUI

CALÇADOS/ Produção aumenta 25% e 3,5 mil novas vagas são abertas; crescimento é atribuído à estabilidade econômica e às exportações

Indústria cresce e injeta R\$ 86 milhões

CHICO SIQUEIRA

A indústria de calçados de Birigui apresenta em 2000 seu melhor desempenho em 14 anos. Não dispensou funcionários (contratou em plena entressafra), aumentou a produção em 25% e nunca exportou tanto. A expansão causa reflexos no comércio e no atendimento social do município, mas injetará R\$ 86,4 milhões na economia local neste ano.

Pela primeira vez nesses 14 anos — desde o auge do Plano Cruzado, em '86 — a indústria biriguiense não dispensou funcionários, ao contrário abriu 3.500 novos postos, 2.500 dos quais já ocupados. As vagas restantes só não foram preenchidas por falta de mão-de-obra, qualificada.

Diferente do que acontece nos outros municípios, em Birigui é o patrão que corre atrás do empregado, que tem oportunidade de negociar melhores salários e escolher em qual empresa quer trabalhar.

Para a safra deste ano, que teve início em agosto e termina em janeiro, a expectativa é de um aumento de 25% na produção. As cerca de 200 indústrias do município que fabricaram 43,2 milhões de pares no primeiro semestre, deverão produzir 54 milhões no segundo. Para isso, o número de 13 mil trabalhadores deverá subir 10,5 mil. O resultado é que a indústria deve movimentar R\$ 86,4 milhões neste ano, ou R\$ 30 milhões por mês.



Fotos: Paulo Gonçalves

DESEMPENHO/ Linha de produção de fábrica de Birigui: economia do município recebe R\$ 86 milhões com crescimento.

De acordo com o sindicato patronal das Indústrias de Calçados e Artísticas de Birigui, as exportações, que também quase não existem, representam hoje entre 8% a 10% da produção. É que o problema é as barreiras alfandegárias com a Argentina, esta totalmente superada. Sem intromissão dos governos, os empresários dos dois países entraram em acordo e o calçado de Birigui pode ser comercializado no país vizinho.

O crescimento da atividade

não se justifica apenas pelas exportações. "O que ajudou foi a estabilidade da economia. Com ela, as empresas puderam planejar seus investimentos e mudar um conceito de atuar num mercado com inflação estava sempre em alta", diz Marco Antônio Oliveira, secretário executivo do sindicato patronal.

Ele explica que, historicamente, as demissões da indústria aconteceram no início do ano, mas em 2000, aconteceu o inverso, com indústrias contri-

tando em vez de demitir. Isso aconteceu porque quem era competente, ficou no mercado e está vencendo agora as adaptações do mercado à estabilidade", declarou.

O reflexo desse crescimento bate no comércio. Os números da Acib (Associação Comercial e Industrial de Birigui) informam que as vendas cresceram 8,5% e a inadimplência caiu 44,5% nos oito primeiros meses deste ano, em comparação com igual período de '99.

"Se a indústria vai bem, o comércio também vai. É normal que o nosso comércio sinta o ritmo da indústria", diz o presidente da Acib, José Carlos Laldão. Segundo ele, os comerciantes de Birigui se reúnem amanhã para estabelecer as promoções de final de ano, com olhos voltados para o desempenho da indústria. "Temos informações de que o crescimento vai continuar", diz. Por isso, o comércio vai continuar a ter uma safra de vendas muito boa neste ano.

Faltam creches para filhas de trabalhadoras

O reflexo do crescimento da atividade industrial em Birigui também é sentido na assistência social, mas de forma negativa. O município, de 90 mil habitantes, tem na falta de creche uma de suas maiores deficiências no atendimento à população.

De acordo com estimativa da prefeitura, existem hoje cerca de 1.500 crianças nas cinco creches do município e outras 1.500 fora delas. Isso ocorre porque a principal força de mão-de-obra da indústria de Birigui é formada pelas mulheres.

O atual prefeito, José Roberto dos Santos (PSDB), diz que as duas novas creches — uma em construção — são insuficientes para atender a demanda, apesar de ter proporcionado 500 novas vagas.

A intenção de Santos é construir outras cinco novas creches, caso seja eleito, mas sabe que terá de lutar muito para atingir seu objetivo. Por isso, a intenção é encontrar um alternativa, fazendo uma parceria com as empresas do município. (CS)

BIRIGUI

EXPORTAÇÃO/ Desempenho das indústrias calçadistas do município é o melhor dos últimos seis anos e a previsão é de nova expansão

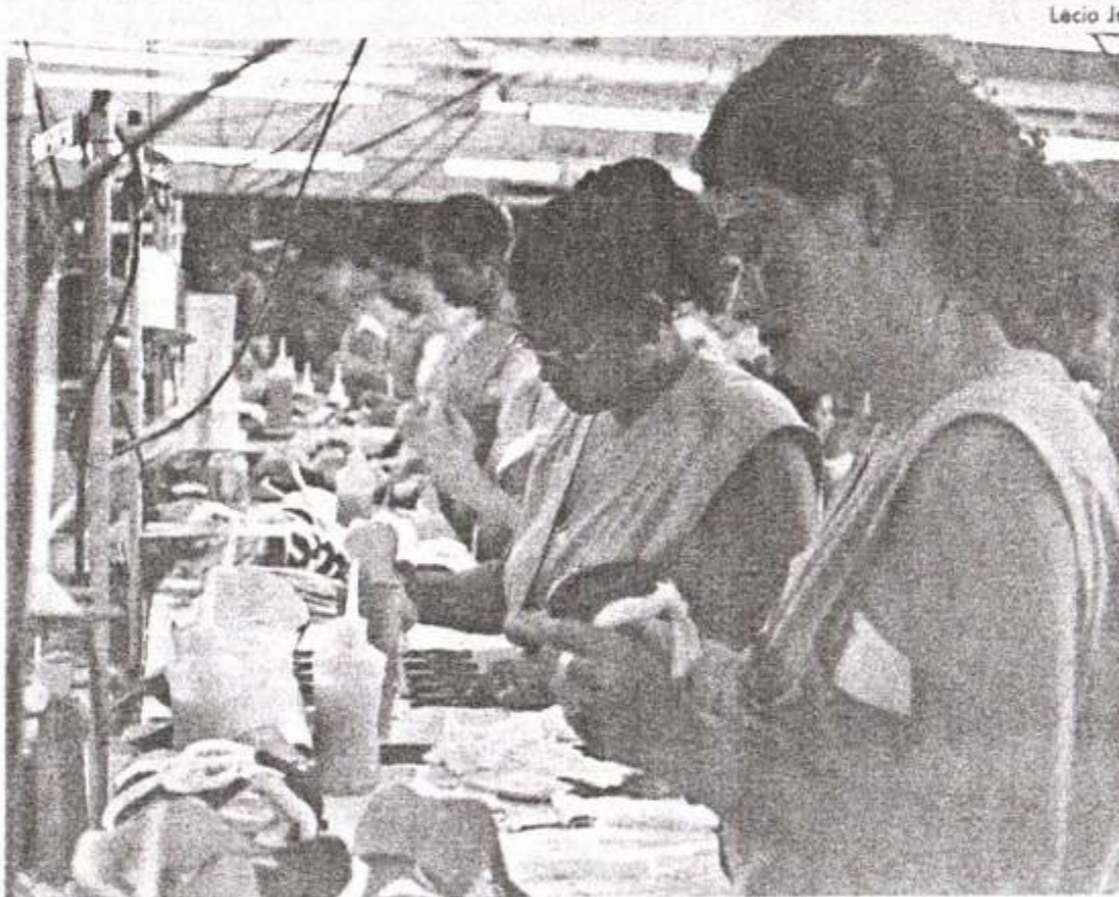
Birigui aumenta exportações em 28,5%

As exportações das indústrias calçadistas de Birigui cresceram 28,5% no ano 2000, em relação ao ano anterior, e gerou cerca de 4 mil empregos diretos. Em 1999, foram exportados 15.296 pares/dia, enquanto que em 2000 o número saltou para 19.670 pares/dia. Segundo o sindicato das indústrias, 2000 é o melhor dos últimos seis anos para as exportações. A expectativa para o ano que vem é de que haja novo incremento, de pelo menos 30%, nas vendas externas.

O momento nunca esteve tão propício para exportar. A desvalorização do real diante da moeda americana tornou o produto brasileiro mais competitivo lá fora. Além disso, a indústria Argentina, país que absorve a maior parte da produção brasileira exportada, não se modernizou e está com a capacidade produtiva comprometida por causa da situação econômica do país (leia sobre a situação argentina na página 6).

O cenário ainda é mais favorável aos calçadistas de Birigui porque ainda há muito mercado lá fora para se explorar. As exportações da indústria de calçados começaram há pouco mais de seis anos e os principais mercados hoje explorados para a exportação são o do Mercosul (Argentina, Bolívia e Chile), EUA (Estados Unidos da América) e México.

A indústria calçadista passou a produzir em 2000, 309 mil pares/dia, contra os 178 mil pares/dia produzidos em 1999.



Lécio Jr.

CRESCIMENTO/ Operárias em linha de produção de fábrica de calçados de Birigui.

Parte desse crescimento deve-se ao mercado externo, mas o grande responsável pelo aumento de 73% da produção foi mesmo o mercado interno.

Segundo dados do sindicato das indústrias, isso ocorreu devido ao aumento do consumo. Pesquisa que mediu o consumo de calçados no país identificou que o brasileiro passou a comprar mais calçados no ano 2000. Antes, o índice era de 0,9 par de calçado consumido por ano por cada brasileiro. Hoje, esse índice está em 1,5 par de calçado.

Apesar da receptividade do

mercado interno, os calçadistas querem agora ganhar mercado lá fora. A Apemibi (Associação dos Pequenos e Médios Exportadores de Birigui), por exemplo, está viabilizando a exportação para as suas 8 empresas associadas. (Leia matéria nesta página).

A Kidy, que produz calçados infantis, pretende ampliar de 5% para 7% o volume da exportação. A empresa produz 15 mil pares/dia e está investindo em novas linhas de produtos, além das 17 linhas que já possui, para satisfazer o cliente do exterior.

"Vamos desenvolver produtos que atendam a necessidade do cliente, visando atrair novos parceiros lá fora", afirma o gerente de marketing e exportação, Alex Sandro Rato Barbara.

O sócio-proprietário da Biri, Dorival Felipini, também quer incrementar as vendas no exterior, mas prefere não fazer previsões. Em 2000, ele exportou 70 mil pares/ano, contra os 50 mil pares exportados anteriormente.

"Este foi o melhor ano para a exportação e, se tudo der certo, esperamos que 2001 seja ainda melhor", afirmou.

Pequenos se unem para entrar no mercado externo

A Apemibi (Associação dos Pequenos e Médios Exportadores de Birigui) pretende viabilizar a exportação para suas empresas associadas a partir de janeiro de 2001.

As pequenas e médias empresas não tinham condições de arcar com as despesas que a entrada no mercado externo requer. Dentre outros custos, as empresas exportadoras gastam com a participação em feiras em

O gerente-comercial da Apemibi, Maurício Gonçalves de Moura afirma que o mercado externo é receptivo ao produto das empresas associadas à Apemibi e pretende aproveitar o cenário favorável às exportações para ingressar no mercado externo.

A Apemibi já viabilizou recentemente a exportação de produtos da empresa Dayfa, que vendeu 4,5 mil pares para a Argentina em julho. A

empresas, confecção de material promocional e viagens para visita a clientes.

Entidade foi criada por 8 empresas

Para ingressar no mercado externo, as empresas tinham de garantir ainda uma grande capacidade produtiva para atender a demanda dos clientes, por isso, oito empresas calçadistas de Birigui se uniram e criaram a Apemibi.

Elas rateiam as despesas provenientes da exportação entre si e juntas produzem 12 mil pares de calçados infantis/dia.

empresas produz 750 pares/dia e para a exportação, que até então era inviável devido

do aos custos. "Com a associação, ficou mais fácil e estamos otimistas quanto ao ano que vem", afirmou o gerente de exportação Glaucia Crisley Lessa.

A partir do ano que vem, a Apemibi pretende viabilizar a exportação para as oito empresas. A primeira remessa de produtos deve sair já no mês de janeiro, segundo o presidente da associação, Valdeir Fagundes Prates.

Mão-de-obra é insuficiente para atender as empresas

Uma cena rara na economia nacional acontece no Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Calçadistas de Birigui: todos os dias, os empresários fixam listas de trabalhadores procurados no mural da entidade, mas não os interessados não aparecem para concorrer às vagas.

A culpa é da falta de mão-de-obra especializada. "Neste ano, a demanda de trabalho é maior que a oferta de mão-de-obra", diz Luiz Antônio Alves, assessor do sindicato. "Aqui, o trabalhador pode até escolher onde quer trabalhar e consegue negociar melhor salário", acrescenta.

Por isso, a falta de qualificação, indesejada pela indústria, é festejada. "A recolocação é mais rápida, o que dá segurança para o trabalhadores".

Apesar disso, segundo Alves, os trabalhadores não obtiveram ganhos reais, mas se dá por satisfeito ao receber o re-



OFERTA Alves fixa lista de empregados procurados

passe integral da inflação. Por isso, as relações entre patrões e empregados são boas. A alternativa de ganho está na mudança de emprego, por meio de negociação com o novo patrão.

A situação provocou uma

concorrência entre as empresas. Além de treinar seus funcionários, algumas instalaram unidades em cidades vizinhas para não ter seus empregados "roubados" pelos concorrentes (leia texto abaixo). (CS)

Filial para preservar empregado

Os cursos de capacitação profissional promovidos pelo Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), em convênio com as empresas, são insuficientes para atender as necessidades das indústrias de Birigui. Por isso, empresários de Birigui promovem treinamento dos funcionários na própria fábrica e instalam filiais em cidades vizinhas para não perder seus empregados "roubados" pela concorrência.

É o que acontece, por exemplo, com a indústria Klin, a maior do município, que deve aumentar seu quadro de pessoal entre 6% e 10%. A empresa, que possui 2,3 mil funcionários, contratou 180 novos empregados fixos. Só que eles vão trabalhar em Penápolis, distante 35



O empresário Mestriner

em Penápolis, onde a empresa instalou uma filial.

"Fizemos isso porque cansamos de treinar nosso funcioná-

rio e ele ser atraído por outra indústria concorrente. Sabemos que lá em Penápolis, nossa mão-de-obra não vai migrar, em curto espaço de tempo, para a concorrência", declarou Carlos Mestriner, diretor da Klin Calçados.

Atualmente, cerca de 200 pessoas frequentam os cursos do Senai em Birigui. O principal é o que forma as pespontadeiras (costureiras de calçados). Com carga horária de 160 horas, o curso pode ser concluído em dois meses. Outros são os de modelagem, com duração de seis meses, e o de técnico em calçado, com duração de um ano e meio. Mas a demanda é muito maior. Para se ter uma idéia, pelo menos 60% das 3,5 mil vagas abertas em 2000 são para pespontadeiras. (CS)